

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-17
(PRESENCIAL): ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: OS SABERES DAS
MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO BRASIL

**ENTRE RAÍZES E VOZES NA ANCESTRALIDADE EM EU SOU MACUXI E
OUTRAS HISTÓRIAS (2019) DE JULIE DORRICO**

Aline Cardoso Mota De Assis (cardoso.mota@unemat.br)

Wagner Pereira De Souza (wagner.souza@unemat.br)

A escritora macuxi Trudruá Dorrico, também conhecida como Julie Dorrico, tem se consolidado como uma das principais vozes da literatura indígena contemporânea. Em sua obra *Eu sou macuxi e outras histórias* (2019), a autora apresenta narrativas em prosa poética que articulam memória, mito e identidade. O livro reúne histórias que evocam a ancestralidade como um elemento estruturante da existência, além de promover uma reflexão sobre o pertencimento e a resistência cultural. Haja vista que as passagens selecionadas para este trabalho, *A castanheira* e *O feitiço*, ilustram de maneira singular como a escrita de Dorrico incorpora a oralidade e o legado dos saberes tradicionais de seu povo, transformando-os em matéria literária. Uma característica marcante da obra é a fusão entre testemunho e imaginação poética. Nesse movimento, a autora elabora imagens que atravessam o tempo histórico, convocando o passado e o presente em um mesmo gesto narrativo por meio do livro. Em *A castanheira*, a árvore representa memória, força vital e continuidade, e para além disso, ela surge como uma consciência ecológica, sendo como um reencontro com os as gentes-florestas. Ademais, em *O feitiço*, a ancestralidade emerge pela dimensão espiritual e pela transmissão oral de

conhecimentos, reafirmando a presença de vozes, da Ada (mãe), bisas, as quais foram silenciadas pela tradição historiográfica. O objeto deste estudo é, portanto, analisar como a ancestralidade é construída nesses textos e de que modo a obra de Julie Dorrico contribui para o fortalecimento da literatura indígena como espaço de afirmação estética e política. A pesquisa busca compreender como a escrita da autora, ao articular com memória e criação literária, propõe uma revisão crítica da história e da própria ideia de literatura brasileira, valorizando perspectivas plurais e decoloniais. Desse modo, para fundamentar essa leitura, o recorte teórico apoia-se em diferentes perspectivas: Le Goff (1990), ao discutir memória e história, possibilita refletir sobre permanências e esquecimentos; Paz (1984) e Bosi (1977) iluminam a dimensão poética das imagens; Candido (2006) oferece subsídios para o estudo da forma; Perrot (2005) discute o apagamento de vozes na história; Hutcheon (1991) contribui para compreender os hibridismos pós-modernos; e os estudos da literatura indígena permitem situar a produção de Dorrico como prática militante, estética e política.

Palavras-chave: ancestralidade; saberes tradicionais; literatura indígena; memória.